



- Leitor iniciante
- Leitor em processo
- Leitor fluente

MARIA AMÁLIA CAMARGO

Tanto-faz-como-tanto-fez

ILUSTRAÇÕES: JEAN CLAUDE R. ALPHEN

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

- Leitor em processo – 2º e 3º anos do Ensino Fundamental

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.*

*Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, decepção por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero



Tanto-faz-como-tanto-fez

MARIA AMÁLIA CAMARGO



UM POUCO SOBRE A AUTORA

Quando tinha oito anos, Maria Amália Camargo e sua família se mudaram de uma casa em Santos, perto da praia, para um apartamento em São Paulo, sem quintal para fazer bagunça e sem os amigos que ficaram em outra cidade. Maria Amália e seu irmão começaram a brincar com máquina de escrever, carimbos, tinta e papel. Foi quando a autora escreveu, ainda menina, suas primeiras e detetivescas histórias. Anos depois, influenciada pelas aulas de literatura de seu professor no Ensino Médio, foi fazer Letras na USP e estagiou em projetos de arte-educação no MAC-USP (museu de arte contemporânea da Universidade), vindo a tomar gosto pelo trabalho com o público infantil. Já formada, sem nunca antes ter cogitado ser escritora, resolveu apostar nas invencionices de quando era criança. Seu primeiro livro, *Laranja-pera, couve manteiga*, foi um dos escolhidos pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLJ) para representar o Brasil em Bolonha, em 2007; seu *Muito pano para manga* seguiu o mesmo caminho.

RESENHA

Era uma vez um rei carrancudo que governava um povo não muito inteligente. Um dia, sabe-se lá por que, alguém lançou uma moda algo impertinente: a de que era elegante terminar cada frase, por mais banal que fosse, com um ponto de interrogação. E eis que o pobre soberano mal se levantava com o habitual e desculpável mau humor matutino de cada dia, era logo interpe-lado por um mar de indagações: “Vossa majestade prefere sair da cama com um par de pantufas ou com dois chinelos de solas fofas e gorduchas?”, “Chicória ou escarola?”, “Bananada ou mariola?”, “Mandioca ou macaxeira?”, “Criado-mudo ou mesa de cabeceira?”, “Assim por diante ou *et cetera* e tal?”... Essa enxurrada cotidiana e exaustiva de redundância era rebatida com uma única e mesma resposta, sempre à mão: “tanto-faz-como-tanto-fez”. Mas eis que certo dia, a comitiva real, cansada das respostas atravessadas e lacônicas de seu soberano, resolveu conceder um prêmio àquele que fizesse do rei “um homem falante e um tantinho mais cortez...”.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Em *Tanto-faz-como-tanto-fez*, Maria Amália Camargo nos transporta para um universo que remete ao dos contos de fadas a fim de nos contar uma bem-humorada história que brinca com as obviedades e redundâncias da nossa língua. Ora, falar e escrever não significa, de modo algum, emitir fundamentalmente informações objetivas, úteis e precisas: a linguagem, muito frequentemente, nos enreda nas suas próprias e diminutas armadilhas. Quantas vezes dizemos algo sem ter propriedade a respeito do que falamos, simplesmente por dizer? Quantas vezes nos desentendemos com os outros justamente pelo ruído involuntário de palavras mal-escolhidas? Tentar despojar a linguagem de suas ambiguidades e imprecisões seria, no entanto, privá-la de sua poesia...

Área envolvida: Língua Portuguesa.

Tema transversal: Pluralidade Cultural.

Público-alvo: 2º e 3º anos do Ensino Fundamental.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura:

1. Explique a seus alunos o título do livro. “*Tanto-faz-como-tanto-fez*” é uma expressão de uso ainda corrente. Verifique se eles a conhecem e se notam que frequentemente serve de resposta a um tipo específico de pergunta. Qual seria?

2. Mostre agora aos alunos a capa do livro. Que informações a respeito da narrativa podem ser deduzidas a partir da ilustração? Em que época, provavelmente, se passa a história? Qual o cenário da narrativa? Que personagens aparecem retratados na imagem, em primeiro e em segundo plano?

3. Leia com seus alunos a dedicatória: “Para o amigo Aurélio, por me explicar que, às vezes, tanto faz como tanto fez”. Estimule-os a, em duplas, tentar imaginar em quais circunstâncias Aurélio teria tido a oportunidade de explicar isso à autora. Em quais situações da nossa vida a gente demora a perceber que “tanto-faz-como-tanto-fez”?

4. Para que conheçam mais a respeito do trabalho de Maria Amália Camargo, sugira que visitem o *blog* da autora, www.nacontramaodocontrario.blogspot.com, onde é possível encontrar pequenos poemas e divertidas histórias com delicadeza, humor e um toque de *nonsense*...

Durante a leitura:

1. Peça aos alunos que tomem nota das perguntas que geram a resposta “tanto-faz-como-tanto-fez”. O que há de comum entre elas?

2. Diga à turma que procure prestar atenção ao modo como a autora se utiliza de rimas de modo recorrente, mesmo se tratando de um texto em prosa.

3. Veja se os alunos notam como nessa história quase não há nomes próprios: o reino em que a narrativa se passa não é nomeado, e a maior parte dos personagens, inclusive o protagonista, permanece anônima.

4. Estimule-os a atentar para as belas ilustrações de Jean Claude R. Alphen, procurando perceber como o ilustrador, a cada imagem, modifica o ângulo de visão a partir do qual enxergamos os personagens: às vezes mais de perto, às vezes de muito longe; às vezes podemos contemplar o cenário e os personagens permanecem ausentes; às vezes os personagens aparecem do pescoço para baixo, não podemos ver seu rosto; outras vezes temos acesso apenas a um detalhe da vestimenta real e assim por diante. Como essas opções dialogam com o texto?

Depois da leitura:

1. Essa divertida história apresenta forte potencial cênico-imagético... Divida a turma em dois ou três grandes grupos e peça que cada um pense em uma maneira de recontar essa história para a classe. Deixe que se utilizem da linguagem e dos recursos que desejarem: objetos para criar a sonoplastia, figurino, bonecos, teatro de sombras, canções etc. Instigue-os, por exemplo, a pensar como seriam as vozes de cada um desses personagens.

2. Retome as perguntas que atraíram a expressão-título como resposta. Qual é sua estrutura básica? Veja se seus alunos notam como nessas indagações a conjunção “ou”, que deveria introduzir uma alternativa diversa da primeira, dá lugar a uma palavra ou expressão quase sempre equivalente à anterior: *pantufas / chinelos de solas fofas e gorduchas; criado-mudo / mesa de cabeceira; sapo / batráquio*; et cetera e *tal / assim por diante; patati patatá / assim assado; bergamota / tangerina; piada / anedota*... Proponha que eles, em duplas, pensem em novos pares de alternativas redundantes e escrevam novas perguntas seguindo a mesma estrutura daquelas que tanto importunavam o rabugento rei dessa história.

3. No final da história, um simples e desavisado vendedor de enciclopédias acaba vencendo um difícil desafio, em que sucumbiram concorrentes supostamente mais bem preparados, e, assim, ganhando um vultoso prêmio e mudando o destino do rei e do reino... Um mote semelhante pode ser encontrado em diversos contos de fada e narrativas tradicionais. Em *O companheiro de jornada*, de Hans Christian Andersen, uma princesa bela e cruel submete seus pretendentes a perguntas difíceis e tem a mania não muito agradável de mandar enforcar aqueles que não forem bem-sucedidos. Ela acaba, porém, sendo finalmente desposada por um jovem órfão de bom coração... Em *João Sem-medo*, dos Irmãos Grimm, um jovem que nunca sentiu medo na vida consegue se casar com uma princesa após vencer o desafio de passar três noites num castelo mal-assombrado – enredo parecido com o que *João Bobo* ou *João Pato*, outro personagem dos Grimm, torna-se membro da realeza após fazer rir uma séria e apática princesa... Leia com seus alunos essas três histórias e veja se notam como a narrativa de Maria Amália Camargo é contada, fundamentalmente, do ponto de vista do rei e de seus súditos, enquanto os outros três contos acompanham a trajetória do humilde vencedor do temerário desafio.

4. Assista com seus alunos a *A princesa que nunca sorria*, um dos episódios da série de TV americana “Teatro dos Contos de Fada”, de Shelley Duvall (*Shelley Duvall's Faerie Tale Theatre*), exibida nos anos 90 pela TV Cultura. O episódio, livremente inspirado num fragmento do conto *João Bobo*, mas recontado a partir do ponto de vista do rei e da princesa, foi lançado em DVD no Brasil pela Works DVD. É possível, ainda, assisti-lo, em seis partes, pelo YouTube: <http://www.youtube.com/watch?v=cM88NKfzyY4>.

5. A chegada de uma enciclopédia torna-se um evento revolucionário para os habitantes do reino, curando-os, para sempre, do malfadado hábito de fazer perguntas inúteis. Proponha que seus alunos realizem uma pesquisa a respeito da enciclopédia. De onde se origina a palavra que lhe dá nome? A que ela originalmente se propunha? O que diferencia as enciclopédias antigas da enciclopédia moderna? Como, no mundo contemporâneo, as enciclopédias em muitos volumes deram origem às enciclopédias digitais; e como, finalmente, o advento da internet tornou possível as enciclopédias livres, como a Encarta e a Wikipédia?

6. Leia com a turma o texto no final do livro, em que a autora explica de onde costuma tirar inspiração para criar suas histórias. Proponha que seus alunos inventem suas próprias histórias a partir do método utilizado por Maria Amália: a) abrir aleatoriamente um dicionário, diversas vezes; b) escolher as palavras que parecerem mais simpáticas; c) espalhá-las num papel, como num quebra-cabeças; d) procurar encaixá-las de uma maneira que façam algum sentido; e) descobrir o argumento para uma história a partir delas.



LEIA MAIS...

1. DA MESMA AUTORA

- *Acra de Eon*. São Paulo: Girafinha.
- *Companhia Três Marias*. São Paulo: Girafinha.
- *Laranja-pera, couve manteiga*. São Paulo: Girafinha.
- *Muito pano pra manga*. São Paulo: Girafinha.

2. DO MESMO GÊNERO

- *A verdadeira história dos três porquinhos*, de Jon Scieszka. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- *Chapeuzinho amarelo*, de Chico Buarque. Rio de Janeiro: José Olympio.
- *Ervilina e o príncês ou Deu a louca em Ervilina*, de Sylvia Orthof. Porto Alegre: Projeto.
- *História meio ao contrário*, de Ana Maria Machado. São Paulo: Ática.
- *Sua Alteza, a Divinha*, de Angela-Lago. Belo Horizonte: RHJ.